



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VANINE APARECIDA CARDOSO ALVES

**A IMAGEM DO PROFESSOR NA LITERATURA
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA**



Rio Claro
2010

VANINE APARECIDA CARDOSO ALVES

A IMAGEM DO PROFESSOR NA LITERATURA BRASILEIRA:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe

Co-orientador: Profa. Dra. Maria Augusta H. W. Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2010

370.981 Alves, Vanine Aparecida Cardoso
A474i A imagem do professor na literatura brasileira: uma análise histórica /
Vanine Aparecida Cardoso Alves. - Rio Claro : [s.n.], 2010
53 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Jorge Luis Mialhe
Co-Orientador: Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro

1.Educação – História – Brasil. 2. Textos - Literatura. 3. Docente. I.
Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Agradecimentos

Agradeço meus amados pais, Maria Aparecida e Marco Antonio, pelas palavras sempre incentivadoras.

Meus queridos sogros Marta e Antonio, pela grande ajuda, principalmente por cuidar dos meus pequenos.

Meus irmãos Marco e Victor, pelo carinho.

Ao meu amado marido Alberto, por me apoiar e entender as minhas ausências.

Aos meus filhos Larissa e Henrique. Sem o amor de vocês nada disso teria sentido.

Aos ex-colegas de trabalho Marcelo, Sonia, Ricardo, Viviane, Arthur, Marcos Tangerino, Daniela, Regiane, Renata, Kelli, Elis Amanda, Klaus, Rose, Roseli e Jussara pelo grande apoio que sempre me deram.

Às amigas da faculdade Daniela, Milena e Maria, por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis, e também nos melhores momentos desta jornada.

À querida amiga Talita Néspola da Silva, por suas sábias palavras que me ajudaram a vencer os desafios.

Ao meu orientador Jorge, pela enorme confiança e pela orientação que muito acrescentou ao meu trabalho.

À professora Maria Augusta, pela inspiração na escolha deste tema e por ter confiado no meu trabalho.

Agradeço à querida irmã e professora Vanessa de Aquino Cardoso. Sem você eu jamais teria conseguido. Obrigada pela inspiração, apoio, carinho, pelos momentos em que deixou de estar com sua família para cuidar da minha, e principalmente por acreditar em mim quando eu mesma duvidei.

Dedicatória

Dedico este trabalho à Vanessa de Aquino Cardoso.

Que a sua luz como docente possa iluminar os futuros educadores.

Sumário

Introdução.....	06
Capítulo I: Conto de Escola.....	10
Capítulo II: O Ateneu.....	17
Capítulo III: Memórias Sentimentais de João Miramar.....	25
Capítulo IV: Bicho Carpinteiro.....	30
Capítulo V: Uma Professora Muito Maluquinha.....	34
Capítulo VI: Fala Sério, Professor!.....	40
Considerações Finais.....	46
Referências Bibliográficas.....	51

Resumo

O presente trabalho constitui uma tentativa de traçar os caminhos do magistério no plano real/histórico através do resgate da imagem dos docentes retratados na literatura brasileira, além de auxiliar alunos e professores de cursos de licenciatura a entender melhor os processos históricos.

Ao longo de nossa história diversos escritores se propuseram a retratar o professor em suas obras, tais como: Machado de Assis (1840), com *Conto de Escola*, Raul Dávila Pompéia (1888) em *O Ateneu*, Oswald de Andrade (1926) em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Sylvia Orthof (1980) com a crônica *Bicho Carpinteiro*, Ziraldo (1995) em *Uma professora muito Maluquinha* e Thalita Rebouças (2006), em *Fala sério, Professor!* E é a partir dessas obras que ocorre uma reflexão sobre a imagem que os profissionais da educação transmitem/transmitiram para a sociedade, através do olhar dos artistas literários.

Além de influenciar a visão daqueles que lêem suas obras, os escritores transpõem em seus textos elementos que nos permitem reviver o paradigma por eles vivenciado, fazendo da literatura um instrumento para o resgate da história.

Introdução

Primeiramente, se faz necessário o esclarecimento acerca dos termos a serem trabalhados. Dentre eles, imagem, professor, história e literatura brasileira.

Segundo Ferreira (2009, pg.461), imagem é a representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou objeto. A imagem-conceito não é uma questão de verdade ou de coerência, segundo Baldissera (2004, pg. 283), nem é o de transparência ou de ética. Tampouco se reduz à comunicação. Antes, transcendendo a essas questões isoladas, constrói-se na/sobre a significação que resulta da complexidade relacional entre as entidades (materiais, fantasiosas, virtuais e/ou oníricas) e suas alteridades (sujeitos/públicos). Dessa relação dialética/diálogo-recursiva, irrompe em associações, expurgos, transformações transposições e tudo o que mais o que a competência semiótica do sujeito/público permitir e puder realizar.

Quintiliano (2007) aponta que, nos diversos contextos, os indivíduos lançam mão de determinados repertórios interpretativos construídos historicamente, que são responsáveis pelo tipo imaginário, e conseqüentemente, com o tipo de relação que os indivíduos estabelecem com os vários fenômenos da vida social, entre eles a religião, a linguagem e a arte.

Aqui, será considerada a visão atribuída por Baldissera (2004), onde a imagem é a construção que fazemos ao levar em conta as experiências que tivemos e as aferições que fazemos, mesmo que de forma não racionalizada, do objeto-imagem.

A etimologia da palavra professor vem do latim, *professor*, *ōris*, “o que faz profissão de, o que se dedica a, o que cultiva; professor de, mestre”, do radical *professum*, supino de *profiteri*, “ declarar perante um magistrado, fazer uma declaração, manifestar-se; declarar alto e bom som, afirmar, assegurar, prometer, protestar, obrigar-se, confessar, mostrar, dar a conhecer, ensinar, ser professor. Ferreira (2009, p. 657) define professor como aquele que ensina uma ciência, arte, técnica; mestre.

História é a ciência que estuda o Homem e sua ação no tempo e no espaço, concomitante à análise de processos e eventos passados. A palavra história é de origem grega, *historie*, que tem por significado testemunho.

Segundo Cardoso (2005), a missão do historiador é reinstituir o passado, procurando por fragmento, e por meio destes construir afirmações possíveis, tendo em vista que não vivenciou os fatos pelos quais inclinou seu interesse. É a partir deste ponto de vista que a análise histórica deste trabalho será realizada.

Ferreira (2009 p.519) define literatura como a arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso; e conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época.

Ao longo de nossa história diversos escritores se propuseram a retratar o professor em suas obras, tais como: Machado de Assis(1840), Raul Dávila Pompéia (1888), Oswald de Andrade (1926), Sylvia Orthof (1980), Ziraldo (1995) e Thalita Rebouças (2006). E é a partir destes retratos que tentaremos resgatar qual a imagem que esses profissionais da educação transmitem para a sociedade.

Em *Conto de Escola* de Machado de Assis (1840), temos o retrato de uma sala de aula do Brasil Imperial. O menino Pilar narra os acontecimentos e descreve o professor com uma imagem fria e agressiva.

Na obra *O Ateneu*, Raul Dávila Pompéia (1888), descreve o mundo escolar pela voz de Sérgio, criança que vivencia o término da antiga sociedade imperial brasileira. A personagem escolhida para análise é Aristarco, o diretor da Escola, pois ele caracteriza a personificação da personagem principal da obra: o próprio Ateneu.

Oswald de Andrade (1929) descreve o cotidiano escolar de João Miramar, jovem que pertence à burguesia cafeeira paulista. Na obra *Memórias Sentimentais de João Miramar*, temos retratados diversos professores e instituições escolares. A obra apresenta as diversas mudanças de escola feitas pelo personagem, principalmente pela visão ideológica do professor atribuída por sua mãe, de acordo com suas crenças de caráter conservador e religioso.

Sylvia Orthof (1980) retrata sua vivência no universo escolar durante a década de 1940, durante a segunda Guerra Mundial, apresentando uma imagem caricaturada e ridicularizada do professor na crônica *Bicho Carpinteiro*, dentro da obra *Os Bichos que Tive*.

Uma professora muito maluquinha, escrita por Ziraldo (1995), traz a imagem idealizada do professor, num cenário da década de 1940/1950. Porém, o enredo nos remete a situações vivenciadas pelos professores no final da década 1980, quando os estudos interacionistas causavam desconforto para os professores da época, que viam seus saberes questionados.

Thalita Rebouças (2006), valendo-se de uma linguagem endereçada ao público adolescente, desenha a imagem dos professores da atualidade, que são obrigados a enfrentar dificuldades no exercício do seu trabalho. O ponto marcante da obra *Fala Sério Professor!* é a inversão de valores, com mudanças na relação professor-aluno.

Os livros foram coletados em bibliotecas municipais (Rio Claro, Limeira e São João da Boa Vista, que são cidades do Estado de São Paulo), e em acervos particulares de amigos e familiares.

Foram escolhidas obras de literatura adulta, infanto-juvenil e infantil, escritas por diferentes autores, em diversas regiões do Brasil para garantir a diversidade de pontos de vista, fugindo assim de uma análise apenas regional. Houve a preocupação em selecionar autores de grande expressão nacional, seja na literatura adulta, seja na infantil, de livros que ainda são reeditados, ou seja, que continuam acessíveis ao público leitor e que em seu conteúdo trazem retratados a imagem docente no cotidiano escolar.

O presente trabalho constitui uma tentativa de traçar os caminhos do magistério no plano real/histórico através do resgate da imagem dos docentes retratados na literatura brasileira, além de auxiliar alunos e professores de cursos de licenciatura a entender melhor os processos históricos.

Proceder-se-á a um exame da relação ambivalente entre a arte literária em seu aspecto fictício e a realidade. Ao escrever o autor se deixa afetar pelo momento histórico social e pela sua própria vivência particular. Assim, a narração pode misturar elementos verídicos, desejos, temores e fantasia. Ao transcrever seu universo interno, o escritor deixa transparecer sua visão de mundo. Quando sua escrita chega, finalmente aos ouvintes/leitores, o autor se transforma em um formador de opinião. Sua escrita irá influenciar de alguma forma o receptor de seu texto.

Os capítulos foram organizados de acordo com a ordem cronológica dos enredos. Primeiramente, é apresentada uma breve contextualização histórica das obras, de acordo com pesquisas acerca da história real. Depois, inicia-se a apresentação das obras escolhidas, levando-se em conta os aspectos relacionados à imagem do professor. Assim, a estrutura dos capítulos foi organizada para possibilitar uma análise comparativa entre o real e a ficção.

Todavia, não será possível esclarecer as questões que serão levantadas no decorrer deste trabalho em sua totalidade, mas os caminhos ficarão abertos para o esclarecimento da história docente ao longo da história da educação em nosso país.

CAPÍTULO I

Conto de Escola

O Brasil no período de 1822 passava pelo Regime Monárquico, denominado Império. Com a Independência do Brasil e a vigência da Monarquia constitucional, segundo Veiga (2007, pg. 131) a disseminação da escola pública integrava o projeto de construção da nação, combinando os pressupostos iluministas com o ideário liberal, apesar de predominar um contexto escravocrata até 1888.

Romanelli (1982, p 36) destaca que foram inúmeras as dificuldades para o sistema educacional. Em um momento histórico anterior houve a expulsão dos educadores jesuíticos que desmantelou a estrutura administrativa de ensino. Leigos começaram, a ser introduzidos no ensino e o Estado assumiu, pela primeira vez, os encargos da educação.

Em 1823, foi instalada a Assembléia Constituinte, que foi abortada pelo golpe de Estado em 12/11/1823. Porém em 20/10/1823, firmou-se a primeira lei que declarava livre a instrução popular, eliminando o privilégio do Estado e abrindo caminho à educação privada.

O Ato Adicional à Constituição do Império de 1834 colocou o primário sob a jurisdição das províncias, desobrigando o Estado Nacional a cuidar desse nível de ensino.

A realidade da época mostra que as Províncias não estavam equipadas financeira e tecnicamente para promover a difusão do ensino.

Romanelli (1982, pg.36) comenta a permanência dos educadores jesuítas mesmo depois da expulsão, que atuavam principalmente nas fazendas educando os filhos das famílias proprietárias.

“Assim, embora parcelado, fragmentário e rebaixado de nível, o ensino mais variado nos seus aspectos orientou-se para os mesmos objetivos religiosos, e literários, e se realizou com os mesmos métodos pedagógicos, com apelo à autoridade e à disciplina estreita, concretizados nas varas de marmelo e nas palmatórias de sucupira, tendendo a abafar a originalidade, a iniciativa e a força criadora individual, para pôr em seu lugar a submissão, o respeito à autoridade e a escravidão nos modelos antigos. “

Entre outras prerrogativas, os professores tinham que ter uma postura profissional e pessoal irretocável, como bem expõem Lopes e Martinez (2007).

“A crença ilimitada na virtude da instrução como fator de progresso, característica do período, fará com que o professor detenha um poder excepcional, exatamente por capitalizar os anseios de ascensão social dos indivíduos, independentemente da camada social a que pertençam. A expansão da demanda social por educação acaba por impor um modelo de formação docente mais especializado, propiciando a emergência das *escolas normais*, que possibilitarão o desenvolvimento do campo profissional do magistério, bem como o estabelecimento de um controle cada vez mais rígido sobre o corpo docente por parte do Estado.”

Fato que também comprova essa valorização social do ensino foi a criação de diversas faculdades e colégios nesta época. As Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia são convertidas em Faculdades. É criado o Colégio Pedro II, além de diversos Liceus e escolas normais, revelando assim um sensível avanço na implantação de centros educacionais em toda a província. (TANURI, 2000, p. 64).

Nas décadas que antecedem o tempo do foco narrativo do texto, era muito comum encontrar escolas que utilizavam o método ensino mútuo, também chamado de Método Lancaster. Neste sistema um aluno ensinava á outros dez, sempre vigiado por um inspetor. Ele foi instituído em 1823, para tentar sanar a escassez de docentes. Todavia, ao que parece, na escola em que o garoto Pilar estudava, era um velho mestre que acompanhava o desenvolvimento dos alunos, sem mencionar a presença de aprendizes.(TANURI, 2000: p. 64)

É justamente nesta década (1840) que o ensino mútuo passa a entrar em desuso. Sua ineficácia é um dos fatores determinantes para que o método de Lancaster fosse substituído progressivamente pelo método simultâneo ou misto, que priorizava a atuação exclusiva de professores qualificados. Também neste período o Brasil passava por diversas transformações no campo político, o que refletia diretamente na ordem jurídica que regulamentava a educação. Uma das mudanças foi a conquista do poder de nomeação para cargos públicos, que envolvia também a nomeação de professores, por parte do Conselho de Estado. (VEIGA, 2007, p.160)

Veiga (2007, pg.163) comenta que somente as meninas que pertenciam à famílias de elite tinham a possibilidade de freqüentar a escola. A educação feminina

se resumia às primeiras letras, francês, música, piano e prendas domésticas femininas

Para mulheres órfãs também existia a possibilidade de estudar na própria instituição que as acolhera, que poderia suprir apenas a educação básica como também a profissionalizante, sendo que uma das opções era a formação para o magistério. (VEIGA, 2007, pg. 163)

Conto de escola foi criado por Machado de Assis¹, publicado primeiramente na Gazeta de Notícias em 1884 e posteriormente em “*Várias Histórias*” no ano de 1896 e nos leva a uma sala de aula de 1840.

Apesar de sua temporalidade o conto ainda é muito atual. Segundo pesquisa realizada por Gimenes (2009, pg. 28) nesta universidade² o conto traz elementos da escola constituída no período colonial, da Regência e que se arrastariam pelo Império, encontrando-se nos dias de hoje vestígios dessas características.

O principal destaque é a utilização dos meios disciplinadores da época. A violência tanto física como psicológica era a ferramenta mais utilizada pelos docentes. Veremos as tristes marcas do sadismo pedagógico que o alunado enfrentava neste período da história educacional brasileira.

A personagem principal é um garoto peralta, Pilar, que revela logo no início do enredo sua falta de interesse em frequentar a escola:

“Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. (...) Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes”.

Este trecho traz uma série de aspectos que norteavam a educação e alguns que ainda se fazem presentes no cotidiano escolar.

O primeiro nos remete a uma realidade muito atual: nem todos os alunos têm motivação pela escola, o que nos leva a crer que o interesse ou não pelos estudos ultrapassa as barreiras da história de nosso país.

¹ Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21/06/1889, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. Fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado é considerado um dos maiores escritores brasileiros.

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro.

A personagem se vê obrigada a abandonar seu projeto de um dia de travessuras e diversão pela frieza da sala de aula, que por sua vez era conduzida por um mestre com aspectos cruéis, como veremos mais adiante. E o motivo da mudança de rumo da personagem se dá por medo de novas agressões por parte do pai, e não pela vontade sincera.

Outro elemento importante é o fato de quem se interessa pela escola é uma pessoa virtuosa, idéia que também está inserida na citação anterior. Sendo assim, o autor deixa clara a valorização da educação formal. Se, burlar a aula era uma atitude reprovável, digna de castigo por parte dos pais, frequênta-la significava exatamente o contrário.

A figura do professor, aqui chamado de mestre, é apresentada da seguinte forma:

“Entrou com o olhar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de seus cinquenta anos ou mais”.

Neste primeiro momento, Machado nos revela de forma mais enfática as características físicas que as psicológicas da personagem, deixando de lado qualquer juízo de valor. O professor é um homem, com cerca de cinquenta anos, trajando roupas simples. O brim, tecido que mistura linho e algodão, assim como o material das chinelas, o cordovão, que é couro extraído das cabras eram muito baratos.

Os professores de primeiras letras eram os mais mal pagos da classe. Os baixos salários eram motivo de reclamações constantes entre os docentes. Também existia a precariedade das instalações e falta de material adequado, tais como tinta, penas, lápis, entre outros. (VEIGA, 2007, pg. 154-155)

Outro aspecto presente na narrativa de Machado é a questão do gênero. Estudantes da atualidade teriam dificuldade em imaginar um homem como professor de ensino fundamental, fato que era muito comum à época em que a obra foi criada.

Segundo Tanuri (2000, pg. 62), os homens tinham a preferência quando o assunto era assumir uma sala de aula. Ao comentar a lei promulgada em 1828, que estabelecia a aplicação de exames para quem se propusesse a lecionar, ela destaca que “...num movimentado debate na Câmara muitos parlamentares tenham solicitado a dispensa das mulheres dos referidos exames”. Portanto, a atuação de um professor do sexo masculino era aceita e muito bem vista.

Em outro trecho do conto uma situação nos chama a atenção:

“...Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé³ e o lenço vermelho, pô-los na gaveta;...”

O fato de o professor ter o uso de uma substância nociva à saúde permitido dentro da escola, e durante o exercício de sua função nos causa estranhamento. Mas, ao contrário do que possa parecer, a atitude não era ilegal, tampouco mal vista pela sociedade.

Seguindo o conto, a personagem principal se entrega a tentação de conseguir vantagem financeira para ajudar outro aluno, filho do professor. Mesmo antes do plano se concretizar o professor é alertado por um dos alunos da sala e acaba descobrindo a transgressão dos garotos.

É neste trecho que podemos perceber o sentimento de pavor que os alunos nutriam pelo mestre:

“Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.”

A reação do professor, ao ver um aluno entregar uma moeda para outro, para ter em troca uma explicação sobre as lições da aula, foi violenta:

“E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa,... e para emenda íamos ser castigados. Aqui pegou a palmatória⁴.”

Cada um dos envolvidos levou doze golpes de palmatória, divididas entre as mãos esquerda e direita. Além do castigo físico os alunos ouviram ofensas pesadas

³ Rapé é um derivado de tabaco em pó, que é inalado. Nesta época o uso desta substância era muito comum. Era vendido em caixinhas confeccionadas com os mais diversos materiais, desde o papel decorado até a prata. Tratava-se de um vício elegante.

⁴ Palmatória era um instrumento de madeira, com uma extremidade arredondada e uma aste. Era muito utilizada para castigar as indisciplinas em sala de aula. Os professores proferiam golpes nas mãos de quem ousasse desobedecer. Certas palmatórias possuíam pequenos orifícios para que a resistência do ar fosse vencida e o golpe fosse ainda mais doloroso devido ao aumento da velocidade.

para jovens de sua idade, sendo assim a violência também abrangia os aspectos psicológicos.

Além de sofrerem nas mãos do professor carrasco, os alunos não tiveram chance de defesa. Nota-se que não tiveram a oportunidade de explicar a situação, ou de usar qualquer tipo de argumento em sua defesa.

Uma vez castigados, os garotos passam novamente pela retalhação moral, ouvindo palavras duras e ameaças:

“Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! Tratantes! Faltos de brio!”.

Depois de passar por uma situação vexatória e humilhante, Pilar não se mostrou revoltado pela surra, nem argumentou sobre a conduta do mestre, que para a visão da sociedade atual, seria reprovável, e também não desejava se vingar do mestre, mas sim de seu delator.

Diante da reação do garoto, podemos supor que, na visão desses alunos, o mestre havia apenas cumprido o seu trabalho. Mas que isso, sua conduta ia de encontro com a visão da sociedade daquela época acerca do que era ser professor, e do que ele deveria fazer.

Ao final o narrador e personagem principal, Pilar, relata que mentiu para a mãe, explicando que as mãos inchadas eram resultado de castigo por não saber a lição. Sendo assim, se acaso um de seus alunos errasse ou não respondesse corretamente alguma pergunta, caberia ao mestre castigá-lo da mesma forma.

Em relação ao processo pedagógico, o professor era o único atuante, deixando os alunos como meros expectadores. Os discentes não podiam recorrer sequer ao auxílio dos colegas, tendo em vista que a situação clímax do conto foi originada justamente porque um dos alunos ajudaria o outro em troca da pratinha.

Pilar fazia parte de uma minoria, como bem ilustra Veiga (2007, pg. 152):

“Entretanto, as precárias condições da vida da maioria da população eram agravadas pela crescente concentração da riqueza

nas mãos de um grupo restrito. A possibilidade de freqüentar a escola dependia das condições materiais de vida dos alunos...”

Fica claro neste conto que o sadismo pedagógico imperava nas salas de aula. Surras e ofensas morais eram comuns e bem aceitas. Havia ainda a aceitação de outras condutas que hoje nos seriam reprováveis e ilegais, tal como a utilização do rapé, que colocaria um docente da atualidade numa situação moralmente inadequada.

CAPÍTULO II

O Ateneu

O período em que ocorre o enredo de *O Ateneu* coincide com a ruptura da Monarquia para a primeira fase do período Republicano. A Proclamação da República proporcionou a separação entre Igreja e Estado, e a propagação do ideário laico.

Mudanças ideológicas, políticas e culturais, ocasionariam uma relevante transformação no ideário nacional acerca da importância da educação. Diante desta recente valorização surgem algumas teses, dentre elas a da importância da obrigatoriedade do ensino, a cooperação do poder Central e liberdade de ensino em todos os níveis (TANURI, 2000, pg.66).

Monteiro (2000) destaca que a escola era valorizada pela pequena elite que se formava em São Paulo, principalmente pela expansão do café, que, por sua vez, via na educação formal a possibilidade de formar o cidadão para prover o desenvolvimento tecnológico e econômico, preparando-o para a participação ativa na nova ordem republicana liberal.

Monteiro (2000) ainda analisou os Relatórios sobre a Instrução Pública, oriundas de São Paulo, no período de 1870 até 1889, onde foi possível perceber a valorização da educação escolar.

Ocorre a fundação do primeiro jardim da infância no Rio de Janeiro, por Joaquim de Meneses Vieira. Também surgem algumas novidades como a criação de escolas para meninas, com a exigência de mestras, além da fundação de colégios protestantes, como a Escola Americana e (1870) e o Colégio Piracicabano (1882), ambos em São Paulo. Também surge o Colégio Notre Dame, de cunho católico, fundado no Rio de Janeiro. Assim, nota-se uma expansão na oferta de estabelecimentos escolares. (VEIGA, 2007, pg.243)

A partir da década de 1870 surge uma crescente preocupação em estender o ensino primário e melhorar a qualidade das escolas já existentes. Segundo Tanuri (2000, pg. 66):

“É no contexto desse ideário de popularização do ensino que as escolas normais passam a ser reclamadas com maior constância e coroadas de algum êxito”

Sendo assim, o Brasil passa a investir mais recursos em educação e se preocupar mais com o nível de formação dos docentes, o que refletiria anos mais tarde no aumento do prestígio da profissão.

A escassez de mestres e de escolas normais para a sua formação levava as províncias a recorrer aos concursos e exames, por se tratarem de meios mais baratos de recrutamento. Todavia, tais exames eram quase sem publicidade, atraíam poucos candidatos, com pouco preparo, segundo manifestação do inspetor geral da Instrução Pública de São Paulo em 1864. (TANURI, 2000, pg.65)

E é diante deste paradigma que as mulheres passam a ingressar na carreira docente. Elas são vistas como solução para o problema da falta de mão de obra, tendo em vista que os homens não procuravam ingressar na carreira docente por conta dos baixos salários oferecidos aos professores neste período (TANURI, 2000, pg. 66)

Já Veiga (2007, pg 168.) aponta a difusão das idéias de higiene e à ênfase na educação infantil, que por sua vez vinha ganhando espaço nas discussões e estudos científicos e sociais, como as principais razões da expansão feminina no magistério.

A partir de 1870 diversos periódicos que versavam sobre educação passaram a ser publicados, tais como *A instrução Pública*, da Escola Normal de Niterói, e a expansão de periódicos estrangeiros. Porém, o acesso a esses materiais de estudo era muito restrito, como veremos adiante. (VEIGA, 2007, pg. 168)

A realidade que acompanha a obra era a realidade de uma pequena minoria. O pequeno número de mestres que existiam até então eram fruto do ensino mútuo, ou especialistas, que não tiveram em seu currículo noções suficientes sobre didática ou prática de ensino.

Um bom exemplo é a grade curricular apresentada por Veiga (2007, pg. 167), da escola Normal de São Paulo em 1887: 1º. Ano: gramática e língua nacional, francês, geometria, doutrina cristã, 2º. Ano: gramática e língua nacional, francês, geometria física, 3º. Ano: geografia e história, química, pedagogia e metodologia.

As disciplinas pedagogia e metodologia foram deixadas para o final do curso e não compunham sequer metade da grade. A pesquisa em educação no Brasil era praticamente inexistente, e as obras que tratavam de educação vinham de outros

países, desconectados à realidade nacional. Também era muito difícil ter acesso a textos traduzidos, o que dificultava a pesquisa por parte dos professores, como bem ilustra Veiga (2007, p. 169):

“Devido á situação em que se encontrava a instrução pública brasileira no final do século XIX – e que inclui as condições de trabalho dos mestres – conclui-se que muitos poucos professores tiveram acesso às novidades pedagógicas. As iniciativas governamentais de modernizar a educação, por sua vez, não foram acompanhadas de ações concretas e da oferta de condições materiais para a implementação das inovações divulgadas.”

Uma questão importante foi a gradativa substituição do método mutuo para o método intuitivo, conhecido também por “lições de coisas”. Dentro deste modelo a aprendizagem ocorreria através da percepção do aluno. Como consequência, surgem as primeira iniciativas de ilustrações de objetos. (SAVIANI, pg.09)

O Ateneu retrata a história de Sérgio, garoto de classe alta da antiga sociedade monarca brasileira e sua entrada em um dos mais bem conceituados colégios da época. Raul Pompéia nos traz, com uma riqueza de detalhes espetacular, cenas do cotidiano escolar, figurinos, expressões linguísticas, detalhes acerca da arquitetura e decoração, além de elucidar a trama das relações existentes entre alunos, professores e funcionários do colégio.

Nesta obra revelam-se elementos genuínos da identidade escolar. Quando o leitor adentra ao *Ateneu*, lhe é possibilitada uma verdadeira viagem no tempo. Não seria exagero comparar a obra à um roteiro cinematográfico, diante da magnífica capacidade descritiva de Raul Pompéia.

Logo, não é possível explorar esta obra sem trazer a tona, além da identidade e imagem docente, outros elementos do mundo escolar.

Segundo Teixeira (2001) diversos estudiosos da literatura brasileira afirmam que o *Ateneu* é uma autobiografia de Raul Pompéia e que Aristarco, personagem diretor do colégio, seria na verdade uma representação do Marques de Macaúbas, o diretor do Colégio Abílio, onde o autor estudou, o que de fato contribui para o objetivo principal deste trabalho, que é resgatar a figura docente historicamente.⁵

⁵ Comentários de Ivan Teixeira que estão inseridos na 3ª.ed definitiva da obra *O Ateneu*, publicada pela editota Ática, no texto “Entre a Arte e a Política.”

Aqui, o colégio Ateneu é a personagem principal e é ilustrado de forma riquíssima nos trechos a seguir:

“Saiu depois para mostrar o estabelecimento, as coleções, em armários, dos objetos próprios para facilitar o ensino.... O edifício fora caiado e pintado durante as férias, como os navios que aproveitam o descanso nos portos para uma reforma de apresentação. Das paredes pendiam as cartas geográficas, que me comprazia de ver como um itinerário de grandes viagens planejadas. Havia estampas coloridas em molduras negras, assuntos de história santa e desenho grosseiro, ou exemplares zoológicos e botânicos, em que me revelam direções de aplicação estudiosa em que eu contava triunfar.”

“O Ateneu, quarenta janelas, resplendentes do gás interior, dava-se ares de encantamento com a iluminação de fora.... como um cenário animado de safira com horripilações errantes de sombra...”

No segundo trecho destaca-se a primeira impressão do jovem Sergio ao vislumbrar, pela primeira vez, o Ateneu. O relato mistura a admiração da personagem diante da grandiosidade do colégio com o seu receio do desconhecido e suas expectativas acerca da experiência que viveria naquele lugar.

A personagem escolhida para análise é Aristarco, o diretor do Ateneu, tendo em vista que todos os professores seguiam suas ordens à risca. Raul Pompéia retrata alguns professores, mas de maneira muito tímida, sem dar vivacidade aos personagens.

O Ateneu é o protagonista, personificado pelo diretor do colégio. Assim, a escolha para análise da personagem Aristarco não foi por acaso. Ele representa o Ateneu e age de forma que o corpo docente do colégio não tem outra alternativa senão se submeter às suas vontades. Ele é um ditador que comanda a escola com mãos de ferro. É como se o diretor agisse de forma a anular a personalidade dos professores, tamanha era sua atitude dominadora.

A seguir temos a primeira impressão que Sérgio teve sobre Aristarco:

“... Os gestos calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, em empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a crispação áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes – era a educação da inteligência; o queixo severamente

escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral. A própria estatura, na mobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem....”(pg 14, 15)

A utilização de características que dizem respeito à atitude da personagem enquanto profissional, mescladas com características físicas nos traz a idéia de que Pompéia queria deixar claro sua visão profunda da personagem, em detrimento a uma apresentação apenas de aspectos observáveis de imediato, expondo também sua visão aos aspectos psicológicos do diretor.

É evidente que a primeira impressão de Sérgio foi a de estar diante de um profissional forte, com uma personalidade dominadora, admitindo uma postura de líder daquela comunidade estudantil.

Outro aspecto muito interessante é a posição social de Aristarco. Ao utilizar a expressão “*grande homem*”, o autor compara a sua estatura física com sua posição moral, deixando claro qual era a visão da personagem Sérgio, sobre a importância do diretor naquele grupo social.

Em contrapartida está a descrição do professor Venâncio:

“...professor do colégio, a quarenta mil-réis por matéria, **mas importante**, sabendo falar grosso, o timbre da independência, mestiço de bronze, pequeno e tenaz, que havia de varar carreira mais tarde..”(pg 17)(grifo nosso)

Aqui a idéia de respeito fica clara, apesar de a descrição ser muito breve. Outro ponto interessante é a questão salarial do professor. Não é necessário fazer uma conversão monetária ou analisar mais especificamente o custo de vida da época para saber que o salário não era dos maiores, pois logo após citar o valor que Venâncio recebia por matéria Pompéia utiliza a palavra “mas”, falando da importância do mestre em detrimento à sua renda mensal. Ao que parece, a desvalorização financeira do trabalho docente acompanha a história da educação brasileira.

A seguir vemos a submissão extrema de Venâncio à Aristarco, quando o professor faz o seguinte comentário sobre o diretor da escola:

“Acima de Aristarco – Deus! Deus, tão somente; abaixo de Deus – Aristarco.”
(pg 17)

Este fragmento comprova que os professores eram extremamente submissos. Pessoalmente o diretor vigiava os trabalhos no colégio, como vemos a seguir:

“Levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinado, mantinha o estabelecimento por toda a parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto.... Sorria então no íntimo, do efeito das armadilhas...”(pg 57)

O diretor também atuava como formador de opinião no colégio. Nos horários de lanche e almoço ele fazia breves discursos, utilizando como tema lições de moral e sempre exaltando o colégio e a educação formal. Além de levantar pontos de conflito, como brigas entre alunos e apreensão de cigarros e revistas, por exemplo.

Promovia também castigos. Em um dos capítulos um dos alunos teve que ficar de joelhos na porta do refeitório, depois de ter sujado a água que era utilizada para lavar os pratos.

O diretor acompanhava os alunos nas aulas extra-classe e nas missas, sempre muito atento a qualquer tipo de transgressão. Os “castigos” eram geralmente “didáticos”. Se fossem pegos os alunos precisariam escrever um determinado número de páginas.

O sadismo pedagógico, que era muito utilizado à época da primeira obra analisada neste trabalho (Conto de Escola), agora se torna objeto de preocupação, como vemos no trecho a seguir, mencionado pela personagem Sérgio:

“Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência passável”

Logo, quem se propusesse a lecionar nesta época não precisaria castigar severamente seus discípulos. Mesmo assim, a maioria dos professores se valia das ofensas morais para tentar conter as transgressões em sala de aula.

Neste trecho da obra de Veiga (2007, pg. 175), temos alguns dos motivos que levaram os castigos físicos para o desuso:

“Uma das prescrições recorrentes foi no sentido da suspensão dos castigos físicos - o que encontrava correspondência com o desenvolvimento, à época, de padrões mais civilizados de comportamento social, fundados no autocontrole e na autodisciplina...”

Mas, se aos professores era proibido a utilização da violência física, os alunos deste colégio se valiam dela amplamente, e os inspetores, que tinham a missão de vigiar tais transgressões, simplesmente ignoravam os maus tratos. Essa questão permeia toda a obra, pois Pompéia ressalta os horrores vividos por Sérgio nas mãos dos colegas.

No que diz respeito ao momento histórico anteriormente exposto, neste ano de 1888 o Brasil passava pela ruptura entre o regime monárquico para a república. A família real, apesar das críticas da população e do descontentamento de parte da sociedade para com o regime, ainda contava com algum prestígio. No trecho abaixo Pompéia cita a presença da princesa em um dos eventos, o que era motivo de orgulho para o colégio:

“A Princesa Sereníssima, com o augusto esposo, chegou pontual às duas horas, acendendo ao convite que recebera primeiro que ninguém.”

Pompéia, na voz da personagem Sérgio, critica a atitude do filho de Aristarco, que se recusa, na cerimônia de apresentação dos novos alunos, a fazer reverência à princesa: *Já era republicano o pirralho...* Assim, o autor deixa transparecer suas convicções políticas.

É marcante nesta obra a grande paixão de Aristarco pelo colégio. Em todos os momentos da história, ele se comporta e age para que o Ateneu tivesse sua imagem preservada. Sempre trabalhando em prol da organização, muito empenhado para fazer daquela instituição a melhor.

Um trágico final é reservado ao prédio: um incêndio, de causa desconhecida, destrói o Ateneu. A última imagem de Aristarco fica registrada assim:

“...Lá estava Aristarco, tresnoitado, o infeliz.... Lá estava a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, o pé direito sobre um enorme monte de carvões, o cotovelo

espetado na perna, a grande mão felpuda envolvendo o queixo, dedos perdidos no bigode branco, sobrolho carregado.”

Na narrativa de Pompéia, no último capítulo vemos a transposição de Aristarco de homem firme, glorioso, vigoroso, comandando o colégio como se este fosse parte de sua alma, para um homem como outro qualquer, demonstrando toda a sua fragilidade sob os escombros do Ateneu.

É como se a destruição da escola se transpusesse ao diretor, e este também fosse, de certa forma, destruído.

Em nosso país, era exatamente o que estava acontecendo com as estruturas sociais, ideológicas e políticas. O Brasil assistia ao final da era imperial, ao final da escravidão, à migração constante de estrangeiros, a destruição da população nativa, e, sobretudo, passava a vivenciar uma tentativa de se constituir uma identidade do que era ser brasileiro em meio à tamanha miscigenação.

CAPÍTULO III

Memórias Sentimentais de João Miramar

Os anos 1920/1930 foram marcados por diversas lutas ideológicas que alteraram o quadro educacional brasileiro. No seio de todos os movimentos que visavam o crescimento do país e a melhora das condições de vida, existia um ponto comum: a preocupação crescente com a educação.

Um dos motivos que geraram tal preocupação foi a mudanças da estrutura econômica do país, que apresentava uma lenta, porém significativa industrialização. A indústria brasileira trazia consigo a necessidade de uma mão de obra mais qualificada e traz como componente duas classes distintas: a burguesia e o proletariado (RIBEIRO, 2007, pg 96)

Romanelli (1982, pg. 48,49) também destaca o surgimento da necessidade do desenvolvimento educacional ocasionado pelo avanço crescente da indústria e pela consolidação do capitalismo no Brasil. Assim, a mudança de modelo econômico traria a exigência de novas competências para os trabalhadores.

Diante de 75% da população formada por analfabetos, seria impossível alterar o paradigma de desigualdade que nos acompanhava desde a época do Império. Por isso, a educação de qualidade que fosse acessível a toda as população era uma das reivindicações mais presentes no discurso das lutas que começavam a se compor, e objeto de inúmeros debates. (VEIGA, 2007, pg. 253-254)

Esses movimentos não se restringiram à educação, apesar de quase todos aborda-la como fator importante. É relevante lembrar que a Revolução de 1930 foi o estopim do descontentamento da sociedade com a situação política e social brasileira. (ROMANELLI, 1982, pg. 47).

Um ponto marcante deste período foi o surgimento do tenentismo. Liderado por militares descontentes com a ordem política, o movimento gerou diversas revoltas, dentre elas a Coluna Prestes (1924/1927). (RIBEIRO, 2007, pg.98)

Foi crescente o número de intelectuais de outras áreas nas discussões acerca da educação. Veiga (2007, pg. 254) cita a participação de médicos, engenheiros,

juristas, professores, entre outros, que além de participarem dos movimentos de renovação educacional também se engajavam em movimentos políticos-ideológicos, de correntes distintas, tais como democratas, católicos, esquerdistas. Um dos resultados apontados pela autora é o desenvolvimento de uma visão multidisciplinar da educação, citando como exemplo a psicologia e a biologia.

O Manifesto dos Pioneiros, elaborado por Fernando Azevedo com a colaboração de 26 educadores, trazia consigo o desejo desta corrente pela inovação e reforma da educação.

Publicado em 1932, o Manifesto trazia críticas à fragmentação do pensamento pedagógico que pairava sobre a educação do país. Romanelli (1982, pg. 145/146) destaca a fragilidade das reformas educacionais, que promoviam poucos e efêmeros resultados.

O Manifesto apresenta idéias inovadoras. Um dos resultados positivos foi a visão de educação como problema social. O documento levanta a necessidade do ensino acessível à todas as camadas sociais, sem distinção, obrigatório e assegurado pelo Estado.(ROMANELLI, 1982, pg 149)

Todavia, apesar de denunciar a falta de consistência dos projetos e iniciativas educacionais, o Manifesto apresenta em seu conteúdo aspectos românticos, ao apontar uma compreensão da realidade educacional semelhante à concepção idealista e liberal, que compunha o pensamento romântico do séc. XIX. (ROMANELLI, 1982, pg. 150). Ribeiro (2007, pg 124) descreve como ingênua a visão da realidade apresentada no Manifesto.

Em relação ao método, o ensino intuitivo, ou “lições de coisas” passa a decair e abrir espaço para a Escola Nova. Todavia, este novo modelo encontra a resistência da Igreja Católica, de tendência tradicional. (SAVIANI, pg. 09). Como veremos a seguir, a presença de mestres ligados direta ou indiretamente à Igreja Católica era muito comum.

Segundo Saviani (2005, pg. 13), é de suma importância, ao se discutir a educação neste período, citar a presença da pedagogia católica, pois, mesmo com a grande influência da Escola Nova, muitas escolas normais e de cursos de pedagogia, continuavam sob o domínio da Igreja. Ainda segundo Saviani, até escolas públicas eram regidas pelo pensamento católico.

Neste período não existia um sistema nacional de educação. Cada estado era responsável e livre para regulamentar seu sistema de ensino. Assim temos uma heterogeneidade de estruturas, como é confirmado por Veiga (2007, pg. 238):

“Nas primeiras décadas republicanas e em consonância com o federalismo presente na Constituição de 1891, apenas o ensino superior era da alçada do governo federal. Os demais níveis de ensino eram de responsabilidade de cada estado, havendo autonomia na sua organização. Somente em 1930 foi criado por Getúlio Vargas o Ministério da Educação e Saúde, que em 1953 passou a Ministério da Educação e Cultura. Dessa época em diante houve uma maior preocupação em traçar um projeto nacional de educação, como se pode observar nas várias reformas educacionais.”

O enredo do livro escolhido nos leva à São Paulo, no período em que o café dominava a economia. Dentro da organização escolar vigente, encontramos os grupos escolares, constituídos por classes separadas por séries. A passagem de uma série à outra dependia de aprovação em exames anuais, que deram origem a repetência, e por conseqüência à evasão escolar. Este modelo, inaugurado em São Paulo, influenciou os demais Estados e perdurou até 1971. (VEIGA, 2007, pg. 242)

Oswald de Andrade⁶ redigiu de maneira muito inovadora *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Publicado em 1924, o livro segue os preceitos de inovação que emanavam da Semana da arte Moderna. Nesta obra o autor suprimiu as vírgulas quase que completamente de sua narrativa, deixando-as apenas nos diálogos das personagens. Incluiu também diversos gêneros textuais, espalhados em curtíssimos capítulos. Não será realizada a análise literária da obra, mas vale ressaltar a sua peculiaridade que marca a estrutura do texto.

Nos primeiros capítulos, a personagem João Miramar narra sua vida escolar, o que possibilita ao leitor uma visão de como funcionava na prática a escola, e o que era requerido pelos professores como profissionais da educação.

Primeiramente Oswald de Andrade nos leva a uma pequena escola que era conduzida por uma jovem senhora em sua residência. Por atender a meninos e meninas a escola recebeu a denominação de mista, muito utilizada nesta época.

⁶ Oswald de Sousa Andrade nasceu em 11/01/1890, na cidade de São Paulo. Um dos maiores nomes do Modernismo do Brasil, Oswald publicou diversos poemas, romances e manifestos.

Miramar morava em São Paulo, o que nos leva a estrutura paulistana de ensino.

Logo, Miramar teve que se matricular em outra escola, pois segundo o trecho extraído da obra *“marmanjo não podia continuar na classe com meninas.”*

Nesta segunda escola um fato envolvendo um professor deixa transparecer a ideologia religiosa que conduzia parte da sociedade desta época.

O Sr Carvalho, descrito como “grande professor” de “bigode de arame espetado”, comenta em sua sala de aula que *“Deus era a natureza”*. Diante deste comentário o autor deixa a entender que foi retirado da escola ou que o professor foi demitido:

“Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o inferno”

Fica implícito na fala do narrador que o comentário do Seu Carvalho foi alvo de críticas, diante do trecho *“foi para o inferno”*. Aqui está o registro de que quem não crê em Deus da forma convencional e aceita pela sociedade é submetido ao castigo: ir para o inferno.

A preocupação da família em manter a crença religiosa de seu filho leva a mãe a mudar Miramar de escola, ou de se queixar com a direção, o que supostamente culminaria na demissão do mestre. O professor aqui tem sua atitude recriminada.

Seu Carvalho não defendeu o ponto de vista católico, pois não expôs uma visão que vai de encontro com esta crença religiosa. Todavia, também não teve uma postura laica.

Outro mestre retratado por Oswald foi Monseieur⁷ Violet, que também lecionava em sua residência, onde, conjuntamente com as atividades escolares, funcionava uma oficina de costura.

João Miramar teve que mudar novamente de escola, seguindo desta vez para um colégio cujo diretor era padre.

Sendo assim, a heterogeneidade de posturas e anseios sobre a atuação docente é o ponto mais marcante desta época, tanto na ficção como no plano real.

⁷ Monseieur é um título católico fornecido a pessoas que de alguma forma auxiliam nos trabalhos da Igreja Católica. Para conquista-lo é necessário ter uma postura moral íntegra e de acordo com as prerrogativas católicas. A assiduidade também é um elemento fundamental para o monseieur ou monsenhor

Apesar de o enredo não tratar diretamente da escola, Memória traz à luz a crescente expansão do ensino, tendo em vista as constantes mudanças de escola realizadas pela personagem.

Outra questão relevante é que Miramar narra sua jornada, passando por diversas mudanças, casamento, viagem, divórcio, mas, depois de formado, jamais retornou aos bancos escolares. Assim, a educação continuada, prerrogativa muito presente para o sucesso profissional na atualidade, ainda não existia.

Apesar da inconstância de instituições escolares, é importante ressaltar que, por pertencer à elite paulista, Miramar consegue concluir seus estudos com êxito, fato que retrata a realidade educacional dos anos 1930, quando apenas os mais favorecidos conseguiam finalizar os estudos em todos os níveis.

CAPÍTULO IV

Bicho Carpinteiro

Sylvia Orthof⁸ publicou a crônica em 1980. Porém, ela narra sua experiência ocorrida no período da Segunda Guerra Mundial, e este foi o período escolhido para exposição.

No momento que antecede a Segunda Guerra o Brasil era governado de forma ditatorial por Getúlio Vargas. Levando em consideração a ausência de uma classe social dominante dos meios de produção, devido ao declínio da sociedade cafeeira, Ribeiro (2007, pg 128) explica a ditadura como uma condição possível diante do novo modelo interno e externo de desenvolvimento do capitalismo-industrial.

É promulgada a Constituição de 1937, que traz em seu texto aspectos da política educacional capitalista (RIBEIRO, 2007, pg.129). Em relação à educação ela se diferencia da Carta Magna de 1934, pois deixa de atribuir ao Estado o dever de garantir a educação. (ROMANELLI, 1989, pg. 153).

Em 1942 iniciam-se as reformas educacionais por iniciativa do então Ministro Gustavo Capanema, que alteraram todos os níveis de ensino. Para Romanelli (1982, pg 155) tais reformas representaram um indiscutível avanço para o ensino técnico brasileiro, apesar de apontar algumas falhas, dentre elas a seleção dos estudantes, que restringia o acesso a este nível de ensino.

Após a Segunda Guerra Mundial o Brasil assumiu uma nova postura no cenário mundial. No momento em que houve a escolha, durante o conflito, de ficar do lado dos Aliados, traçamos nosso caminho definitivo para a atual realidade capitalista.

Com a queda de Getúlio Vargas e, por consequência, do Estado Novo houve a constituição de uma nova Constituição. Em 18 de setembro de 1946 ela é promulgada e traz em seu texto, no Art 5, inciso XV, alínea *b* a expressão “diretrizes e bases”. O Ministério da Educação, liderado pelo então ministro Clemente Mariani, formou uma comissão de educadores para elaborar tais diretrizes, e em 1948 o

⁸ Sylvia Orthof Gostkorszewicz nasceu em 03/09/1932, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro.. Atriz, professora de teatro e escritora voltada para o público infantil, Sylvia foi diversas vezes premiada por seu trabalho.

projeto de Lei é encaminhado para a Câmara Federal, o que resultou, treze anos depois, em nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (RIBEIRO, 2007, pg. 145)

O ensino técnico também teve grande impulso. Foram criados cursos de formação técnica com duração igual ao do ensino médio. Houve também a criação do SENAI⁹ e do SENAC¹⁰, pelo decreto-lei 4.048, em 1942 visava preparar os jovens para a indústria e o comércio, além de dar suporte e re-qualificação aos trabalhadores já empregados. Eram dirigidos e organizados pela Confederação nacional das Indústrias e financiados pelas empresas industriais filiadas. Ofereciam cursos rápidos, de duração variada. Houve também a criação de cursos de aperfeiçoamento de professores e de formação de administradores escolares. (TANURI, 2000, pg. 80)

Os ideais eugênicos, presentes antes da Segunda Guerra Mundial, trouxeram uma grande preocupação acerca da higiene na escola. Os professores precisam observar se seus alunos seguiam os padrões estabelecidos de higiene (incluindo a limpeza do corpo e das vestimentas). Por trazer elementos que resultaram numa visão racista, elevando a condição da criança branca, os ideais eugênicos foram abolidos após a guerra, principalmente através do crescimento do movimento negro. (VEIGA, 2007, pg. 260)

Em 02 de janeiro de 1946, o decreto-lei n. 8.529 foi promulgado. Ele dava mais atenção ao ensino primário, que, por estar até então por conta dos Estados, ainda carregava forte herança do modelo colonial. Ressaltando que este nível não foi abandonado pelo governo federal, já que este colocou os Estados na obrigação de legislar. O problema aqui era a falta de centralização. Com o decreto- lei foram então traçadas as diretrizes para o ensino primário. (ROMANELLI, 1982, pg. 160)

Tal lei também trazia a influência deixada pelo Manifesto, pois também tratava da gratuidade e obrigatoriedade do ensino. Parte da lei que trata especificamente de regulamentar o trabalho docente, como a carreira, remuneração, formação e normas, é positivo. Todavia, foi lamentável a falta de força da prescrição legal para mudar a realidade. (ROMANELLI, 1982, pg. 161).

⁹ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

¹⁰ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Outro aspecto importante foram as contribuições de outros ramos da ciência para o desenvolvimento das metodologias de ensino, tais como a psicologia, a biologia e a sociologia. (VEIGA, 2007, pg. 269)

Tendo como base os novos estudos acerca de como se dá o processo de aprendizagem em nível biológico e psicológico, e diante do novo paradigma do pós guerra, houve a expansão de novas metodologias de ensino (VEIGA, 2007, pg. 278-280).

Sylvia Orthof nos traz uma crônica sobre sua experiência na sala de aula, dos anos 1940. Ela narra uma divertida história sobre o Bicho Carpinteiro Para entender melhor, a autora não fala de bicho enquanto animal, mas sim de sua atitude enquanto aluna:

“Quando eu estava no colégio, eu tive um bicho-carpinteiro. Quem não sabe o que é, vou explicar: é um bicho que dá na gente, faz a gente mudar de lugar, correr, subir, sentar, pensar em outra coisa, deixar de pensar, ir fazer pipi, mudar de idéia e tomar sorvete, depois sair correndo pro banheiro, voltar pra sala de aula e odiar a professora...”

De fato, a professora aparece como a antagonista da crônica. Como a história é parcialmente real, Sylvia altera o nome da professora para Dona Chatilda, explicando que a professora ainda está viva:

“ Tão chata que sou avó e minha professora que era chata insiste em continuar viva, imagine só, por pura chatisse”.

A obra, porém, foi publicada em 1983, mas a conotação temporal se dá através do relato de uma cena na escola. Um marinho veio até a escola para comercializar produtos contrabandeados em época de guerra. A autora se refere à Segunda Guerra Mundial. Assim, podemos situar que a história se passa entre 1939 e 1945.

Dona Chatilda é descrita de maneira caricaturada. Uma professora que usa uma cinta apertada para parecer mais magra. O problema é que ela puxava a cinta que estralava, fazendo barulho e provocando risos dos alunos.

Mas não é só na maneira de se vestir que Dona Chatilda finge ser o que não é. Seu conhecimento sobre o assunto trabalhado é vago. Ela é uma professora de inglês que não sabe falar inglês:

“Dona Chatilda era professora de inglês. O inglês dela era tão ruim que um dia (era época de guerra) veio um marinheiro americano vender contrabando no colégio. Dona Chatilda queria até comprar, mas o marinheiro foi embora, não conseguiu descobrir que aquilo que ela estava falando era inglês!”

Dona Chatilda não perdoava indisciplina ou qualquer tipo de transgressão. Seus castigos eram semelhantes aos vistos em *O Ateneu*. Escrever a mesma coisa muitas vezes, como relata a personagem de Sylvia:

“Escrevi trezentas vezes o verbo to be no indicativo...”

Apesar da crítica sobre o pouco conhecimento da professora, existe um trecho que chama muita atenção:

“... Mas dizem que quem não sabe ensina. Dona Chatilda ensinava.”

Logo, Sylvia nos traz um retrato da visão de mundo de uma época sobre o papel do professor em sala de aula. É relevante salientar que a formação profissional da Dona Chatilda era irrelevante. O importante era o fato de ela conseguir “transmitir” os saberes, mesmo sem dominá-los.

A professora aqui se transforma em um objeto. Ela perde sua personalidade. Não existe qualquer afinidade do ponto de vista afetivo entre alunos e professor. Cabe à Dona Chatilda apenas cumprir seu papel como docente de maneira eficaz. Logo, a desvalorização da profissão e o descaso acerca da formação docente são os pontos mais relevantes da narrativa.

CAPÍTULO V

Uma Professora Muito Maluquinha

A análise histórica será situada a partir da década de 1980. A obra ilustra os anos 1940/1950, porém traz aspectos das transformações ocorridas nos anos 1980/1990. Tal opção se deu através da análise da metodologia utilizada pela professora maluquinha. Todavia, cabe ressaltar que alguns aspectos dos anos 1940/1950 também estão presentes na obra, e a contextualização histórica deste período já foi realizada anteriormente.

Com uma abertura à democracia, em 1985, ocorre a posse de José Sarney e é realizada eleição para escolher os representantes do Congresso Nacional. Instalada a Assembléia Constituinte, é promulgada em 05 de outubro de 1988 a nossa atual Constituição.

A visão da educação como instrumento para o desenvolvimento econômico-produtivo, que antes era parte de uma concepção coletiva, atinge o plano individual. Assim, os indivíduos buscam na escola além da formação a empregabilidade. (SAVIANI, 2005, pg. 21).

Em relação à formação de professores, em 1982 o MEC lançou o projeto dos CEFAMs (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). Em 1983 o projeto passa para a fase de implantação. Seu objetivo era oferecer uma formação docente que desenvolvesse as competências técnicas e políticas dos professores. (TANURI, 200, pg. 82).

Em 1991 os 199 CEFAMs espalhados em todo o território nacional, já atendiam, quase 73 mil alunos. E com bolsas¹¹ oferecidas pelo Estado, era assegurada a permanência integral dos alunos. (TANURI, 2000, pg 82).

Em 1996 foi sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso a lei 9394, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que teve uma história um tanto conturbada diante da diversidade de interesses que

¹¹ Bolsas de Trabalho para o Magistério.

compunham o quadro intelectual e político. Não nos cabe tal análise, mas é importante ressaltar que a partir deste ponto se constituiu as referências educacionais da educação na atualidade.

Ziraldo¹² retrata a história de uma professora jovem, que leciona em uma escola de uma pequena cidade do interior. A obra foi escrita na década de 1990, porém, o autor se inspira em suas memórias infantis, ao construir, com auxílio de gravuras, trechos de jornais, fotografias e ilustrações, um cenário da década de 1940/1950. Cabe lembrar que no texto não existe qualquer referência à data, mas podemos deduzi-la a partir das ilustrações.

Além disso, o leitor pode encontrar em “A História da História”, texto que não está incluso na obra e sim no em comentários do autor no final do livro há uma explicação acerca da temporalidade da obra:

“Nossa história se passa em meados da década de 1940...”

Ele descreve a professora utilizando metáforas, na tentativa de transpor ao leitor o quanto essa personagem era magnífica, aos olhos de seus alunos:

“...tinha estrelas no lugar do olhar, tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos...”

“Ela era uma professora inimaginável”

Afirmção absolutamente verdadeira, pois a professora maluquinha não possuía as mesmas características de suas colegas de trabalho, e das professoras reais deste período.

A primeira referência acerca da formação profissional da professora vem do fato de ela ter estudado na “escola das irmãs”. Assim, podemos concluir que o curso Normal oferecido na região era administrado por freiras católicas.

¹² Ziraldo Alves Pinto nasceu em 24/10/1932, em Caratinga Minas Gerais. É formado em Direito, mas sempre foi escritor. Começou sua carreira no jornal Folha de Minas, mas foi como cartunista que Ziraldo ficou nacionalmente conhecido.

Além disso, a professora foi criada pelo padre “velho” da cidade, o que pode levar o leitor a supor que sua criação tenha sido muito conservadora. Sua atuação como professora, porém, não parece conservadora.

Sua metodologia valorizava o lúdico e a participação direta dos alunos, Como vemos a seguir:

“A primeira chamada que ela fez foi assim: mandou cada um de nós a escrever o nome de um outro aluno. O nome por inteiro “Grande vantagem saber escrever se próprio nome” – ela brincou. Depois embaralhou os nomes de todos nós e mandou que a gente arrumasse tudo direitinho na exata ordem do ABC.”

(...)

“E, entre outros, teve o Jogo da Rima: um minuto pro time adversário achar a rima da palavra dada...”

(...)

“Era uma espécie de campeonato onde, em vez de correremos atrás da bola, nós coríamos atrás das palavras.”

Os alunos gostavam muito das aulas da Maluquinha, e participavam ativamente. Os barulhos provocados pelas atividades “divertidas” da jovem professora passaram a receber reclamações por parte da diretora: “Vocês estão prejudicando as outras classes.” (pg.32)

As outras professoras criticavam a postura da Maluquinha:

“Ela está se comparando a Deus??”

“Pode ficar perigosa!”

“Uma herege!”,

“Precisamos interná-la urgente!”

“Muito maluquinha!”

Esses comentários foram feitos após a professora maluquinha declarar, em uma reunião de professores, que o homem só seria completo após adquirir a capacidade de ler e escrever: (pg. 76)

“É a professora que – como Deus- acrescenta ao homem este **sentido** que o completa.” (Grifo do autor)

Para as professoras mais antigas a conotação “maluquinha” traz a idéia de inadequação. Já para o leitor da obra o termo pode ser visto como um apelido carinhoso, sem a imagem pejorativa nutrida pelas demais docentes da escola, como bem expõem Bolfer (2003, pg.110), em análise desta mesma obra de Ziraldo.

“Fazendo-a maluquinha, o autor afasta a idéia de doida, e faz dela algo desejável, ou pelo menos aceitável, além do que, *inha* conota um tom carinhoso, afetivo.”

Bolfer (2003, pg. 109) comenta ainda que a utilização da palavra maluquinha significa a capacidade de a professora transgredir os padrões estabelecidos pela escola e comunidade.

Outra questão é o fato de o deslocamento da professora se dá apenas com os demais adultos da escola e da comunidade, e que sua relação com o alunado é extremamente afetiva, além de ser objeto de admiração por parte dos alunos.

A professora que assumiu a sala se espantou com o bom desempenho dos alunos. Assim, o autor traz a idéia de que o método da professora maluquinha é muito eficaz. Isso, por sua vez, se constitui em uma crítica aos métodos anteriores, inclusive ao adotado pela nova professora.

Os pais dos alunos também passaram a se preocupar. Principalmente quando os alunos da maluquinha chegavam em casa com tarefas das mais inusitadas. (para os pais).

“Mãe, junta o pessoal todo aqui de casa pra ajudar! **Precisamos** achar o máximo de palavras terminadas em ar... que não sejam verbos!” (Grifo do autor)

Ao final daquele ano letivo a professora propõe uma nova forma de avaliar. Ela conversa com a diretora e expõe que seus alunos não precisam fazer as provas, pois todos têm capacidade para “passar de ano”.

Mesmo assim os alunos realizam os exames finais e “levam uma bomba”, pois os conteúdos da maluquinha não eram os mesmos das outras professoras. Neste

ponto, percebemos que a professora não cumpriu os objetivos propostos pela instituição escolar a qual pertencia. Então, no ano seguinte, ela não era mais a professora da escola.

Outro ponto interessante é a questão da resolução de conflitos. Para sanar as desavenças entre os alunos a professora ouvia as partes, e formava um “júri” composto por acusação e defesa, mas não havia castigo.

Uma questão inevitável se faz diante do cenário construído por Ziraldo: Inspirou-se o autor nos movimentos dos anos 1930/1940, da Escola Nova, ou nas novas metodologias da “moda”, interacionistas, que propunham alterar a Escola Tradicional, no momento histórico em que a obra foi escrita?

Segundo Leão (1999), muitas críticas se fizeram ao novo modelo (Construtivista), dentre eles a dificuldade de aplicação deste em sala de aula, por parte dos professores. Cita ainda a confusão existente entre os estudos de Jean Piaget, que na verdade não era educador, mas sim um biólogo em busca de respostas acerca da construção do conhecimento. Este, por sua vez não tinha por objetivo criar uma teoria educacional.

Ao final, a professora maluquinha foge com o namorado, abandonando os alunos que passaram a freqüentar sua casa depois da escola, numa atitude que pode parecer demasiadamente irresponsável e imatura. Sob a pressão da sociedade a professora maluquinha não conseguiu manter suas convicções e teve que fugir.

No próprio livro a intencionalidade do autor fica clara:

“Ziraldo comemora, com este livro, o 15º. Ano de sua convivência com a Editora Melhoramentos, que começou quando, certa vez, uma professora sugeriu a ele que colocasse em um livro “sério” suas idéias sobre as relações dos adultos com as crianças. Como se fosse uma brincadeira, ele inventou o Menino Maluquinho. Agora, outras professoras têm pedido que ele transforme em livro suas idéias sobre a “arte” de ler e escrever e sobre as lembranças de uma professora que abriu seus olhos para o mundo. Como uma nova brincadeira, igualmente séria, eis o livro!

Assim, Ziraldo criou uma professora ideal, perfeita para os alunos, não só do ponto de vista metodológico, como também do ponto de vista estético. As ilustrações apresentam uma professora bela, sensual, com traços delicados e roupas que marcam sua silueta que corresponde aos padrões de beleza dos anos 1940/1950.

Infelizmente o cenário em que a professora foi inserida não estava pronto para tamanha inovação, o que proporciona o conflito entre sua atuação e as prerrogativas estabelecidas pela escola.

CAPÍTULO VI

Fala Sério, Professor!

Para finalizar, inicia-se aqui uma discussão sobre a educação na atualidade. As condições de trabalho e a postura profissional exigida pela sociedade norteiam um caminho difícil a ser seguido por quem se aventura na arte de educar. As diversas transformações serão contempladas de maneira sucinta.

Do ponto de vista legal ocorreram muitos avanços, como a já citada Constituição Federal de 1988, que traça a estrutura e funcionamento da educação, além de definir seus fins e princípios.

Uma transformação que a sociedade brasileira assistiu recentemente foi a extinção dos cursos de formação de professores em nível médio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (Lei 9.394/96). Prevêem em seu Título VI, art. 62 que:

"A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal."

Mais adiante, na mesma lei título IX, art. 87, § 4º que:

"... até o fim da década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço".

Tal iniciativa legal corresponde aos anseios da sociedade em relação à formação de profissionais competentes e amplamente preparados para atuar como educadores nas primeiras séries da educação básica. Então, para lecionar na atualidade, se faz necessária a formação em nível superior.

Diante desta norma podemos supor que, ao elevar a qualidade da formação docente, seria elevada também a qualidade da educação de forma geral. Assim, os professores ganham uma nova identidade.

Outra novidade foi a implantação, no estado de São Paulo, da Progressão Continuada, a partir de 1997. Dentro deste modelo os alunos dificilmente sofrem reprovação. Com a justificativa de preservar a auto-estima dos alunos, eliminando assim a cultura da repetência. Tal sistema recebeu inúmeras críticas, principalmente por parte dos professores, que vêem neste sistema a aprovação automática dos alunos, sem o devido aproveitamento. Na prática, os professores tiveram que se readaptar ao novo sistema de avaliação. (MASSABNI, RAVAGNANI, 2008)

A obra de Thalita Rebouças¹³ ilustra uma série situações do cotidiano escolar, e traz diversas representações dos professores da atualidade. Em *Fala Sério, Professor!.* Malu, a personagem principal, narra sua jornada estudantil, desde a educação infantil até a faculdade.

A primeira impressão da personagem com a primeira professora foi de imediata simpatia, revelando que a imagem que os alunos trazem consigo, antes de ingressarem no mundo escolar, é positiva:

“...eu só pensava em ir para perto da turma e da tia Angélica, uma cândida professorinha de sorriso largo e sincero”.

A utilização da palavra professorinha nos sugere que a primeira vista Malu teve uma relação de afeto com a nova professora.

“Tia Angélica, longos cabelos lisos e marrons e voz de Marisa Monte quando dá entrevista, me encantou logo de cara. Paciente, ela fazia de suas longas pernas escorrega para toda a turma. E ensinava a dar forma a massinha, a cantar músicas, a brincar de roda...”

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Infantil tem por missão auxiliar no desenvolvimento das capacidades da criança, em relação à

¹³ Thalita Rebouças nasceu em 10/11/1974 na cidade do Rio de Janeiro. Jornalista e escritora, Thalita redige para o público adolescente. Obras como *Uma fada veio me visitar*, *Tudo por um pop star* e a série *Fala sério!* possuem grande repercussão entre o público jovem.

afetividade, sociabilidade, e no conhecimento da realidade sócio cultural em que a criança está inserida, de forma lúdica, como expressa o trecho a seguir:

“o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.”¹⁴

Sendo assim, a professora Angélica, que lecionava para alunos de três anos, cumpria seu papel como docente, inclusive seguindo as orientações traçadas pelos PCNs. Porém, a autora não nos relata o método utilizado pela professora, mas deixa evidente sua preocupação com o lúdico.

No Ensino Fundamental surge a tia Genoveva. O ponto mais marcante deste trecho da obra é a relação de igualdade entre professor e aluno. O que segue é uma discussão sobre a existência ou não do Papai Noel:

“_Tia, na boa, você deve estar com problemas. Eu agora tenho certeza: o velhinho nunca existiu... disse Alice.

_Se vocês pensam assim... Eu acredito- ela encerrou o assunto, séria e decidida- Agora vamos entrar? Vou começar a aula”.

É possível notar na fala das personagens que ninguém se sobrepõe. Apesar de a professora ter a missão de conduzir os trabalhos em sala de aula, ela não toma para si uma atitude de superioridade, além de respeitar e ouvir a opinião de suas alunas, sem, contudo, impor a sua.

Em detrimento à imagem positiva que Thalita apresenta sobre as “novas” professoras, temos uma crítica aos velhos professores que continuam atuando:

“A Mitzi era uma senhora baixinha, gordinha, séria, falava sussurrando, tinha os cabelos curtos e brancos, devia ter uns 70 e poucos anos e achava que nós tínhamos a mesma idade dela.

Tia Mitzi era uma figura interessante, intrigante. Não raro, ela puxava assuntos que não tinham nada a ver com o universo infantil”

¹⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais- Educação Infantil. Pg 15

Apesar do bom humor da autora a crítica aqui é severa. Ao descrever a velha professora, Thalita deixa clara a idéia de que a atuação da docente é inadequada. Existe uma associação entre a idade de Tia Mitzi e a precariedade de sua atuação, tendo em vista que ela não sabia como falar com seus alunos, não conseguia fazer os alunos entenderem seu vocabulário. Assim, o preparo da professora é questionado.

Além disso, a aula de Mitzi “era uma bagunça”. Aqui a docente também não conseguia impor a sua autoridade. Num dos trechos os alunos acabam por obedecê-la por pena, depois de terem provocado o choro da velha professora:

“Fiquei com pena. Nunca tinha visto uma professora chorar. Eu nem achava que as professoras choravam.”

“E a gente continuou imóvel, num silencio desconfortável. Uns chorando, outros pensando, muitos se entreolhando. Envergonhados. Assustados. Culpados...”

A reação dos alunos foi motivada pela evidencia de que a atitude foi inadequada, trazendo assim um sentimento de culpa. Não foi necessária nenhuma atitude agressiva por parte da professora para que os alunos se arrependessem dos atos de transgressão, pelo contrário, foi através da decepção da professora que eles caíram em si e perceberam que haviam faltado com respeito.

A essa altura, os professores já não possuem artifício algum para lidar com a indisciplina. Podem apenas lançar mão dos ensinamentos da Psicologia. Cenas como estas são muito comuns nas salas de aula da atualidade. A seguir veremos outro exemplo de como a indisciplina pode concorrer com a saúde dos professores.

Depois de uma bronca da professora Gladys do 5º ano, a autora descreve a atitude dos alunos:

“A turma reagiu como se ela fosse invisível. Agimos como se não escutássemos a sua voz, não víssimos sua desesperada expressão corporal. Apenas continuamos a bagunçar.”

Esse quadro, muito bem exposto por Thalita, acontece diariamente em todos os níveis de ensino, em escolas públicas e particulares. Eu, como estudante de Pedagogia, em meus estágios, já presenciei inúmeras situações afins.

Na verdade, a profissão docente nunca esteve tão carente de métodos disciplinadores como hoje. E o desinteresse dos alunos, os baixos salários e condições de trabalho que nem sempre auxiliam os professores, causa nesses profissionais estresse e diversos outros problemas de saúde.

Gladys, por exemplo, é uma professora que não pode utilizar sua voz como deveria, devido à calos nas cordas vocais, que por sua vez são ocasionados pelo mal uso da voz e ou pelo uso prolongado.

Esse problema afeta milhares de professores. Segundo. Park (2009) em um estudo de caso realizado em 2009, constatou o seguinte:

“Para o professor, a função de comunicação tem um papel central em seu desempenho profissional, ou seja, um transtorno vocal pode ter implicações amplas na sua qualidade de vida”.

Além dos problemas vocais, os professores passam a enfrentar outros agravantes que envolvem principalmente a saúde mental. A Síndrome de Burnout, ou Síndrome do Abandono é uma espécie de estresse ocupacional. (CARLOTTO, 2002)

Segundo estudos realizados por Carlotto (2002), a profissão docente é uma de maior risco. As consequências do Burnout em professores podem ser das mais diversas:

“ Nos aspectos profissionais, o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos freqüente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro. Pode também sentir-se facilmente frustrado pelos problemas ocorridos em sala de aula ou pela falta de progresso de seus alunos, desenvolvendo um grande distanciamento com relação a administradores e familiares de alunos também são freqüentes, bem como o desenvolvimento de visão depreciativa com relação à profissão. O professor mostra-se autodepreciativo e arrependido de ingressar na profissão, fantasiando ou planejando seriamente abandoná-la.”

Em outro trabalho Carlotto e Palazzo (2006, pg. 7-9) constataram que o mau comportamento dos alunos está diretamente associado à diminuição da realização pessoal no trabalho.

Pesquisas realizadas por ferramentas da internet, encontro de grupos de estudos em sites de relacionamento, envio de trabalhos escolares por E-mail, entre outras mudanças, permeiam a educação na atualidade.

O novo modelo que se insere no cenário educacional não pode ser negado. Thalita cita em alguns trechos a utilização desses recursos. Porém, o Brasil ainda não tem índices satisfatórios da chamada inclusão digital. Fernandes (2006) relembra que, em um tempo não muito distante, a ferramenta mais utilizada em sala de aula era o estêncil, hoje substituído pela fotocópia (xérox). O autor ainda faz uma ressalva. A expansão das tecnologias que propagam o universo cognitivo, servindo de ferramenta para alunos e professores, também pode ser uma ameaça. Tal fato se dá devido à falta de confiabilidade das fontes.

A obra traz também a imagem do coordenador pedagógico. Ele atua na escola para auxiliar o trabalho dos professores e ajuda a solucionar conflitos. Assim, a obra traz uma novidade na rotina escolar. Aqui, os professores passam a contar com a ajuda de outro profissional dentro de seu ambiente de trabalho.

Os alunos também procuram o coordenador pedagógico quando estão com problemas tanto de caráter pedagógico como em relação aos aspectos de socialização com os mestres e com os outros alunos.

É importante lembrar que, na atualidade, milhares de brasileiros ainda não tem acesso à escola. E ao contrário da personagem Malú, a grande maioria não tem acesso à universidade. A formação de professores pode ocorrer pelo ensino à distância, em cursos de caráter duvidoso, e até mesmo pela inclusão de bacharéis com formação didática de apenas 12 meses.

Thalita finaliza sua obra com inúmeros agradecimentos aos mestres que acompanharam sua carreira estudantil. Aqui fica evidente a idéia de que a valorização profissional do professor, apesar de não refletir diretamente em seu salário, está presente na visão dos alunos.

Assim, a autora deixa a idéia de que ser professor em nosso país é uma tarefa muito difícil. As condições de trabalho não são as ideais, os salários nem sempre correspondem ao nível de formação desses profissionais, os alunos já não possuem o mesmo conceito sobre respeito, mas, de qualquer forma, carregam dentro de si, uma certa admiração pelos educadores.

Considerações Finais

Este trabalho se inicia com a visita a uma sala de aula de 1840. Os aspectos encontrados no texto de Machado de Assis realmente compunham o cenário educacional da época. Podemos perceber que a imagem docente é representada de forma fria, assim como é constituída a imagem da própria escola. O uso da violência realmente fazia parte do contexto real em que a história é narrada

Todavia não podemos dizer que Policarpo era um monstro, um mal-feitor. Ele era um profissional que seguia as prerrogativas exigidas pela profissão docente. Tanto o é que o autor em nenhum momento utiliza um tom de reprovação ao descrever os castigos.

Apesar de não vislumbrar com detalhes a situação política e econômica da época, nem descrever com exatidão a situação do trabalho docente, Machado consegue trazer ao leitor elementos muito significativos acerca das experiências vivenciadas no universo escolar neste período.

O desejo de não comparecer à aula deixa claro a falta de interesse por parte do menino Pilar em freqüentar a escola. Mais que isso, no dia seguinte ao do castigo ele se deixa levar pela música e segue rumo contrário ao da sala de aula.

O Ateneu apresenta uma reprodução das salas de aula do final do Império. A postura e as atitudes da personagem Aristarco vai de encontro com o ideário de valorização da educação, como foi exposto na parte histórica.

Em relação ao sadismo pedagógico, Conto de Escola e O Ateneu apresentam diferenças consideráveis. Enquanto que para a realidade de 1840 os castigos eram comuns, em 1888 eles eram reprováveis. Tal afirmação se dá tendo em vista que, enquanto Machado não dá juízo de valor aos castigos, Pompéia expressa no trecho: “Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência passável”, demonstrando sua reprovação.

Muito presente nas discussões pedagógicas da atualidade, o Bullyng¹⁵ se fazia presente nas relações interpessoais do Ateneu. Talvez esta seja a maior causa da mágoa presente no discurso de Sérgio, em relação à sua estadia no internato (Ateneu).

Conclui-se que Aristarco não foi o mestre que lecionou os conteúdos, mas foi aquele que deu vida ao colégio durante todo o enredo. Estava presente em quase todas as situações, na sala de aula, nas atividades extra-classe, sempre vigiando e dando rumo aos acontecimentos. Prezava pela educação moral e para manter o status do colégio, como um dos melhores.

Em relação aos registros que temos dos professores reais deste período, Aristarco e seu grupo de docentes eram exceção. A Formação de profissionais da educação estava em crescente avanço, como foi anteriormente citado, mas a maioria das iniciativas legais ficaram apenas no papel.

A ruptura do Império para a República é marcada pelo incêndio que consumiu o Ateneu. Ele representa o fim de uma era e o início de outra. O incidente é narrado de forma saudosista, melancólica, mas traz a idéia de que tal ruptura era inevitável.

Em *Memórias*, temos a presença de muitos mestres oriundos da Igreja Católica, porém apesar de Oswald ter inserido no texto várias personagens professores com esta característica, o que de fato vai de encontro com a realidade da época, esses profissionais não dominavam as salas de aula deste período.

Como expôs Saviani, (2005, pg. 13) é importante destacar que a pedagogia católica e seus membros não mediram esforços para tentar manter suas convicções. Mesmo assim, a Nova Escola conquistou um grande número de seguidores. Em alguns anos as duas correntes passaram a apresentar alguns pontos comuns.

O desejo coletivo por mudanças, tanto do ponto de vista político e social, como no educacional, marcam este período. O Manifesto dos Pioneiros representa um marco no posicionamento político dos educadores, e na luta por melhoras na educação.

A formação de Dona Chatilda se mostra frágil e sem qualidade. Partindo deste ponto de vista e diante do cenário apontado por Veiga (2007, pg. 253-254), podemos

¹⁵ Termo da língua inglesa, que se refere à todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, sem motivação aparente, onde um indivíduo ou grupo de indivíduos é incapaz de se defender. (disponível em <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullyng.html>)

inferir que, no período anterior ao pós-guerra, nosso país estava carente de um sistema que proporcionasse uma formação adequada para os professores.

Na obra de Oswald de Andrade, um dos professores tem sua postura criticada de forma indireta. Já na obra de Sylvia a professora se transforma em uma caricatura. As críticas, sobre a aparência e a formação profissional são severas, revelando uma visão pejorativa da imagem docente.

Dona Chatilda perde sua identidade profissional. Ela é vista como um objeto. É tão insignificante na visão da turma que não precisa ser respeitada. Sequer precisa dominar o conteúdo, basta ensina-lo.

Sylvia retrata poucos elementos acerca da história da educação, mas traz a imagem de uma professora real e a visão do alunado acerca de sua atuação e conhecimento.

A obra *Uma professora muito maluquinha* não pode nos levar até os anos 1940/1950, no que diz respeito aos métodos educacionais. Apenas as ilustrações, de excelente qualidade, podem nos levar a essa época. Podemos sim trazer a tona os movimentos interacionistas das décadas de 1980/1990, retratando o encantamento do autor pelos novos métodos e o desconforto dos docentes da época diante do questionamento de seu trabalho.

A relação que se dá entre a professora maluquinha, e seus métodos inovadores, com as velhas professoras, inadequadas, nos remete ao sentimento dos professores da década de 1980/1990, que ativeram sua formação dentro do modelo da Escola Tradicional, em relação ao novo modelo de Escola Interacionista/ Construtivista.

Logo, ao redigir esta obra, Ziraldo queria desenhar uma professora ideal para os preceitos da atualidade, mas ao invés de criá-la em um cenário moderno, o autor, valendo-se da liberdade artística, desenvolveu um cenário baseado em suas memórias de menino, que leva o leitor adulto, visualmente a outro período.

A professora maluquinha é apresentada como a professora perfeita para os alunos. Porém, ela deixa de cumprir as prerrogativas propostas pela escola, alterando o conteúdo programático das aulas. Numa visão crítica, podemos concluir que, apesar de Ziraldo ter criado uma professora com as características ideais a partir de seu ponto de vista, a mesma não pode ser considerada ideal no que diz respeito à postura profissional.

Segundo Saviani (2005, pg:03) nos séculos XVII, XVIII e XIX a ênfase das proposições educacionais estava focado nos métodos de ensino, que por sua vez tinham sua origem em fundamentos filosóficos e didáticos. Já no século XX a ênfase se encontra no processo de aprendizagem, tendo como base a Psicologia da Educação. Esta realidade aparece com maior ênfase nas duas últimas obras analisadas, onde percebemos uma maior preocupação do professor em relação ao desenvolvimento dos alunos.

Nos textos de Ziraldo e Thalita existe uma crítica aos velhos professores. A metodologia e a formação desses profissionais são vistas como antiquadas, como vemos nos trechos seguintes: “as velhas professoras não entendiam nada”¹⁶ e “Não raro ela puxava assuntos que não tinham nada a ver com o universo infantil”¹⁷, confirmam tal visão.

Nem sempre as personagens aprendizes tiveram voz na escola como instituição, e menos ainda como agentes participantes de seu processo de aprendizagem, cabendo apenas ao corpo docente o direcionamento dos trabalhos em sala de aula. O que vai de encontro com a prática escolar que encontramos ao longo da história brasileira no campo real.

Thalita Rebouças traz uma mudança brusca de papéis. A legislação e os anseios da sociedade em proteger a integridade da infância, fazem com que o alunado ganhe voz no processo educativo. Aqui o professor ganha papel de auxiliar no processo. O autoritarismo, visto em todas as outras obras, dá espaço à participação cada vez mais consciente dos alunos.

Ziraldo, com sua professora maluquinha, já havia aberto espaço para ilustrar a participação dos alunos no processo de aprendizagem e para a utilização de métodos que priorizam o lúdico. Mas é com Thalita Rebouças que vemos pela primeira vez os alunos tomarem partido dos processos decisórios na escola.

Em um dos capítulos os alunos se revoltam contra os preços da cantina, boicotando o consumo, fazendo manifestações e abaixo assinados para exigir novo processo de concorrência.

Outra questão muito importante são as condições de trabalho dos professores da atualidade. A violência, a indisciplina, a falta de recursos materiais, entre outros fatores, acabam por provocar um grande desgaste físico e emocional.

¹⁶ Uma professora muito maluquinha,

¹⁷ Fala sério, Professor!

As obras analisadas representam rico material, não apenas no que diz respeito ao resgate do professor no decorrer da história, como também registra vários outros elementos do universo escolar e do momento histórico.

Muitas transformações ocorreram. Comparando as obras *Conto de Escola* e *Fala sério, Professor!*, temos uma realidade totalmente diversa. A começar pelo título escolhido por Thalita, impronunciável pelo jovem Pilar. A grandiosidade do Ateneu exprime um enorme contraste com as salas de aula improvisadas onde Miramar aprendeu as primeiras letras. A professora maluquinha continua inimaginável. Porém, a visão de Sylvia enquanto aluna e narradora, nunca esteve tão atual.

Concluimos que as obras analisadas contribuem para o resgate da história da educação e para trazer à tona qual era a imagem real que a sociedade atribuía aos mestres. Todavia, a utilização de outras fontes é de suma importância. Assim, a literatura ilustra, mas não define de forma completa os caminhos reais da História.

Referências Bibliográficas.

ANDRADE, Oswald de. **Memórias Sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Ed Globo, 1995.

ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol, 02, 1994.

BALDISSERA, Rudimar.; **Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação**; 2004.128 f. Tese de Doutorado em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre, 2004.

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Imagens/Representações de professora na Literatura Infantil: Um confronto entre a tradição e a inovação**.; 2003. 160 f. Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. São Paulo: **Estudos Avançados**, São Paulo, v.19, n. 55, 315-334, Set./Dez 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para Educação Infantil** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il

CARDOSO, Maria Abadia. **O campo da história: especialidade e abordagens**. Disponível em <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 20/08/2010.

CARLOTTO, Mary Sandra. A Síndrome de Bournout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n.1 p. 21-29, jan/jun 2002

CARLOTTO, Mary Sandra, PALAZZO. Síndrome de Bournout e fatores associados: um estudo epistemológico com professores. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n.5, p. 1017-1026, mai. 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2009, 461p.

DRAGONE, Maria Lúcia Suzigan et al. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 289-296, 2010.

FERNANDES, Rogério. Da palmatória à internet. **Revista Brasileira de História da Educação**, Jan/Jun 2006, n 11, p. 11-40, jan/jun. 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 461p.

GIMENES, Alessandra Maria Moreira. **Conto de Escola: Uma metáfora da sociedade?** 2009, 161 f. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2009.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.107, p. 187-206, jul 1999.

LOPES, Sonia de Castro e MARTINEZ, Silvia Alicia. A emergência de escolas normais no Rio de Janeiro do Séc XIX: Escola Normal do Município de Campos. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 15, p. 53-78, set/dez 2007,

MASSABNI, Vânia Galindo; RAVAGNANI, Maria Cecília Arantes Nogueira. Progressão Continuada: qual construtivismo está em jogo? **Paidéia**. Ribeirão Preto n. 41, v. 18, p.469-484. 2008.

MONTEIRO, Regina Maria. Civilização e cultura: Paradigmas da nacionalidade. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 20, n. 51, p. 50-65, nov. 2000.

ORTHOF, Sylvia. **Os bichos que tive**: Memórias zoológicas. São Paulo, Salamandra, 1989.

PARK, Kelli e BEHLAU, Mara, **Perda da voz em professores e não professores**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, , v.14, n. 4, p.163-469, 2009

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 2001.

QUINTILIANO, Ângela Maria Lucas. De Hades ao Diabo: Uma reflexão sobre os significados das imagens no imaginário pós-moderno da figura do diabo., In: **III Congresso Internacional de Ética e Cidadania – Religião e Cultura**, São Paulo, 2007.

REBOUÇAS, Thalita. **Fala sério, Professor!** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2006.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. Cortez & Moraes, São Paulo, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil(1930/1973)**. Ed. Vozes, Petrópolis, 3 ed, 1982.

SAVIANI, Dermeval. **As Concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira**. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigos_036.html> Acesso em 16/08/2010.

TANURI, Leonor Maria. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**. n.4, p. 61-89, mai/jun/jul/ago 2000.

TEIXEIRA, Ivan . Entre a Arte e a Política, in **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 2001.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

ZILBERMANN, Regina. A Fundação da Literatura Brasileira. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. n.02, p. 59-68, 1994.